

A VILA OPERÁRIA RHEINGANTZ E AS TRABALHADORAS: RELAÇÕES DE GÊNERO E CLASSE SOCIAL

CAROLINE DUARTE MATOSO¹; CLARICE GONTARSKI SPERANZA²;

¹*Universidade Federal de Pelotas – historiamatoso@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – clarice.speranza@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho destina-se em apresentar a pesquisa ainda em andamento que resultará no Trabalho de Conclusão de Curso para a obtenção de grau de licenciatura em História pela Universidade Federal de Pelotas. Nele pretendo estudar as relações de gênero dentro da fábrica Rheingantz de 1950 às vésperas do golpe civil-militar de 1964 em Rio Grande (RS).

Almejo ampliar o olhar acerca do mundo do trabalho examinando as diferentes formas de dominação existente dentro da classe trabalhadora. Entendendo que a classe é heterogênea, se faz necessário o estudo das diferentes culturas e divisões dentro da classe para o real entendimento sobre o mundo do trabalho. Para isso usarei o conceito de culturas de classe que permitirá compreender as diferentes formas de experiências no mundo do trabalho. Para o historiador KIRK (1998) reconstruir as culturas de classe é entender os modos de ver e os modos de ser. É necessário analisar o que os hábitos representam para a classe, quais são seus significados.

O principal objetivo deste trabalho é compreender as diferentes experiências entre homens e mulheres no ambiente fabril e os conflitos dentro da classe. Durante a construção do projeto procurarei examinar como a divisão sexual do trabalho opera na constituição das culturas de classe, problematizando a segregação ocupacional, salarial e as dificuldades encontradas pelas mulheres dentro da fábrica Rheingantz e nos espaços de militância sindical.

2. METODOLOGIA

Durante a primeira fase de construção do projeto foi utilizado entrevistas orais para reconstruir a partir da memória dos trabalhadores e trabalhadoras da fábrica Rheingantz as diferentes experiências no mundo do trabalho. A partir das fontes de História Oral, pude investigar o que as próprias trabalhadoras e trabalhadores relatam sobre as vivências dentro do chão da fábrica. As emoções, a subjetividade e a memória coletiva existente na História Oral são a maior contribuição desta metodologia. Conforme Alessandro Portelli (1997, p.31): “fontes orais contam-nos não apenas o que o povo fez, mas o que queria fazer, o que acreditava estar fazendo e o que agora pensa sobre o que fez.”

Foram analisadas quinze entrevistas orais de trabalhadores e trabalhadoras da Fábrica Rheingantz que estão disponíveis no Centro de Documentação Histórica da FURG – Universidade Federal de Rio Grande. Realizadas durante a década de 1980 a 1990 e disponíveis em áudio e transcrições, as entrevistas têm como tema: dados históricos sobre a fábrica Rheingantz, políticas sociais e o operariado, relações de gênero, movimento sindical, trabalho infantil de mulheres na sessão da tapeçaria da fábrica e o protesto ocorrido em 1950, no qual a operária Angelita Gonçalvez da fábrica Rheingantz foi assassinada.

Trabalhar com o conceito de experiências de Thompson a partir da História Oral permitirá articular a estrutura com a agência do sujeito, possibilitando entender a influência do gênero nas relações de poder dentro da classe. Conforme KIRK (1998), a ocupação profissional era importante para o *status quo* das trabalhadoras. Ainda sobre as operárias, KIRK (1998) comenta que as tecelãs estão no topo da classe, enquanto as dobradeiras e as apanhadoras vinham na sequencia. A hierarquia ocupacional e salarial das mulheres contribuía para a formação do *status quo*, porém não eram os únicos: a religiosidade e etnicidade, vestuário e conduta também influenciavam.

Levando em conta, portanto, que a etnicidade, vestuário e conduta das mulheres influenciam no *status quo* das trabalhadoras, podemos afirmar que essas características definem um perfil de mulher trabalhadora almejado, contribuindo para a definição de uma hierarquia dentro do gênero mulheres. Assim, as trabalhadoras que menos se aproximam do estereótipo ideal estão na base dessa hierarquia.

Na segunda etapa do projeto serão analisadas fontes documentais que estavam em processo de higienização e que, no segundo semestre do ano de 2016, estarão disponíveis para o acesso no Centro de Documentação Histórica da FURG. Durante a segunda fase pretendo cruzar as informações encontradas nas entrevistas orais com as informações que serão analisadas nos documentos, na tentativa de ampliar a exploração acerca das relações de gênero dentro da fábrica Rheingantz.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante a leitura das entrevistas orais pude analisar a segregação ocupacional da fábrica Rheingantz. Como na maioria das vezes no mundo do trabalho, os homens ocupavam cargos de chefia e/ou empregos qualificados, como contramestres, diretores e acionistas, enquanto às mulheres eram reservados cargos de trabalho manual, como tecelãs. Os homens, por ocuparem cargos qualificados, recebiam salários superiores ao das mulheres e tinham maior estabilidade dentro da fábrica. Em uma entrevista realizada em 1981 o contramestre Dario Camposilvan comenta sobre a instabilidade das trabalhadoras na fábrica Rheingantz: “o homem durava mais [...] Porque o homem se especializava naquele ramo, né? E depois trabalhava para sempre naquele ramo. Agora as mulheres devido ao casamento, ou outra coisa, trabalhava menos... Menos anos que os homens, né?” (1981, p. 26).

Na entrevista concedida pela operária Soeli Botelho, ela discorre sobre a assistência social da fábrica, revelando algumas questões de gênero implicadas nesta política social. Soeli fala que havia um incentivo às mulheres operárias se casarem, recebendo auxílio financeiro para a realização da cerimônia. Ainda sobre a assistência social, Botelho diz que as casas operárias não eram dadas às trabalhadoras mulheres, sendo distribuídas apenas aos trabalhadores homens.

Este depoimento revela um possível perfil de trabalhadoras almejado pela fábrica, no qual as operárias casadas tinham um *status quo* superior às mulheres solteiras. A não distribuição das casas operárias as trabalhadoras reforça a ideia de submissão da mulher, que mesmo sendo empregada da fábrica não se beneficiava desta política social por não ser o “chefe do lar”.

4. CONCLUSÕES

Até o presente momento da pesquisa pude observar algumas características das experiências das relações entre homens e mulheres na fábrica, como a segregação ocupacional e as dificuldades encontradas pelas mulheres no meio fabril. Na análise das entrevistas, a experiência e as culturas de classe apareceram articuladas com as relações de gênero dentro da fábrica. As divisões e unidades dentro da classe percorrem a divisão sexual do trabalho. O mundo do trabalho está inserido na sociedade patriarcal reproduzindo as desigualdades de gênero.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Alice Rangel; HIRATA, Helena; LOMBARDI, Maria Rosa (Org). **Gênero e trabalho no Brasil e na França: perspectivas interseccionais**. São Paulo: Boitempo, 2016. 284p.

BADARÓ, Marcelo. **Trabalhadores e sindicatos no Brasil**. São Paulo: Expressão popular, 2009. 160p.

BILHÃO, Isabel Aparecida. **Identidade e trabalho: análise da construção dos operários porto-alegrense (1896 a 1920)**. 280 f. Tese (Doutorado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

FERREIRA, M. L. M. Os fios da memória: a Fábrica Rheingantz, entre passado, presente e patrimônio. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 19, n. 39, p. 69-98, jan./jun. 2013

FERREIRA, M. L. M. **Os três apitos: memória coletiva e memória pública, Fábrica Rheingantz, Rio Grande, RS, 1950-1970**. Tese (Doutorado em História). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

GOMES, Angela de Castro. **Questão social e historiografia no Brasil do pós-1980: notas para um debate**. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, (34): p. 157-186. Jun./Dez. 2004.

JAMES, Daniel. **Contos Narrados nas fronteiras: a história de dona Maria, História oral e questões de gênero**. In: BATALHA, Claudio; SILVA, Fernando Teixeira; FORTES; Alexandre (Org). **Culturas de classe: identidade e diversidade na formação do operariado**. Campinas: Unicamp, 2004, p. 287-314.

KIRK, Neville. Cultura: costume, comercialização e classe. In: BATALHA, Claudio; SILVA, Fernando Teixeira; FORTES; Alexandre (Org). **Culturas de classe: identidade e diversidade na formação do operariado**. Campinas: Unicamp, 2004, p. 50-59.

MOURA, Esmeralda Blanco. Além da indústria têxtil: o trabalho feminino em atividades “masculinas”. **Revista brasileira de História**, São Paulo, (18): p.83-98. Agosto/set. 1989.

PAOLI, SADER, TELLES. **Sobre as classes populares no pensamento sociológico brasileiro**. In: CARDOSO, Ruth (Org.). **A aventura antropológica**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

PERROT, Michelle. Práticas da memória feminina. **Revista brasileira de História**, São Paulo, (18): p.9 - 19. Agosto/set. 1989.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

RABELO, M. Aurora. O materialismo histórico de Thompson e a problemática dos movimentos sociais. **História e perspectivas**, Uberlândia, (6): p. 67-88. Jan./Jun. 1992.

SAFFIOTI, Heleieth. **A mulher na sociedade de classes: mito e realidades**. 3 ed. São Paulo: Expressão popular, 2013.528p.

San Segundo, Mário Augusto Correia. **Protesto operário, repressão policial e anticomunismo (Rio Grande 1949, 1950 e 1952)**. Dissertação (Mestrado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

SOIHET, Rachel; PEDRO, Joana Maria. A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero. **Revista Brasileira de História**. São Paulo (27): p.281-300. Dez. 2007.

TILLY, Louise A. Gênero, história das mulheres e história social. **Cadernos Pagu**, n. 3, p. 28-62, 2007

VENANCIO, Gisele Martins. Lugar de mulher é... Na fábrica; Estado e trabalho feminino no Brasil (1910-1934). **História: questões & debates**. Curitiba: UFPR, 2001. P. 175-200.